

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Reflexões sobre a elaboração de atlas linguístico no contexto amazonense: desafios metodológicos do Atlas Linguístico da Microrregião de Coari e do Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins

Ana Miles de Souza Belém, Geise Freitas de Oliveira

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13692>

Submetido em: 2025-10-08

Postado em: 2025-12-23 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Tipo de Trabalho – Relato de Pesquisa

Reflexões sobre a elaboração de atlas linguístico no contexto amazonense: desafios metodológicos do Atlas Linguístico da Microrregião de Coari e do Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins

Reflections on the development of a linguistic atlas in the Amazonian context: methodological challenges of the Atlas Linguístico da Microrregião de Coari and the Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins

Ana Miles de Souza BELÉM¹

Universidade Federal de Santa Catarina

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2733-1312>

Geise Freitas de OLIVEIRA²

Universidade Federal de Santa Catarina

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0955-9359>

Resumo

Este artigo tem como objetivo trazer reflexões sobre a elaboração de atlas linguísticos no cenário amazônico, especificamente no contexto amazonense, com ênfase nos desafios metodológicos da pesquisa de campo realizada durante a elaboração do Atlas Linguístico da Microrregião de Coari e do Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins, no Amazonas, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия Pluridimensional (Thun, 1998) e da Geolinguística (Cardoso, 2010). A dimensão territorial dos contextos de pesquisa, a distância entre os pontos de inquérito de cada microrregião e a dificuldade de acesso a algumas localidades em decorrência dos meios de transporte utilizados na região amazônica transformam-se em grandes obstáculos metodológicos para a coleta dos dados de pesquisa. Por outra perspectiva, a complexidade metodológica para a elaboração de atlas linguístico na região mostra-se como um desafio pequeno diante da riqueza e da diversidade linguística do português amazônico, contribuindo significativamente para a descrição e a valorização do falar regional e suas particularidades.

Palavras-chave: Dialetoлогия. Geolinguística. Atlas linguístico. Desafios metodológicos. Contexto amazonense.

¹ Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. Florianópolis – SC. E-mail: anamilesbelem@gmail.com. Autora do Atlas Linguístico da Microrregião de Coari. Bolsista na Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM).

² Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. Florianópolis – SC. E-mail: ghidaka@gmail.com. Autora do Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins, em desenvolvimento.

Abstract

This paper aims to bring reflections on the development of linguistic atlases in the Amazonian scenario, specifically in the State of Amazonas, with emphasis on the methodological challenges of the field research carried out during the elaboration of the Atlas Linguístico da Microrregião de Coari and the Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins, in Amazonas, based on the theoretical-methodological assumptions of Pluridimensional Dialectology (Thun, 1998) and Geolinguistics (Cardoso, 2010). The territorial dimension of the research contexts, the distance between the locations in each microregion, and the difficulty of accessing some locations due to the transportation used in the Amazon region become major methodological obstacles to collecting research data. From another perspective, the methodological complexity of creating a linguistic atlas in the region appears to be a minor challenge given the richness and linguistic diversity of Amazonian Portuguese, contributing significantly to the description and appreciation of the regional dialect and its particularities.

Keywords: Dialectology. Geolinguistics. Linguistic Atlas. Methodological challenges. Amazonian context.

Introdução

Com os avanços dos estudos linguísticos, não podemos estudar a língua em uso sem levar em consideração a variação linguística em suas múltiplas interfaces. Um ramo que estuda a variação linguística do ponto de vista distribuição dialetal é a Dialectologia que, de acordo com Cardoso (2010, p. 15), “é um ramo dos estudos linguísticos que tem como tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua varia, de acordo com a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.”

Os primeiros estudos dialetais, de fato, estavam preocupados em situar os diferentes usos apenas em termos geográficos, comparando os usos ou a ausência de determinadas formas linguísticas em diferentes localidades. Ainda segundo Cardoso (2010), na maior parte dos estudos dialetais utilizava-se o método da geografia linguística, ou geolinguística, que busca registrar as realizações e diferenças dialetais nos diferentes espaços geográficos.

Contudo, com a avanços dos estudos linguísticos com foco na diversidade e na variação linguística, diversos fatores de ordem social como sexo, faixa etária e escolaridade vêm ocupando cada vez mais espaço nos estudos dialetais. Com isso, a mentalidade dialetológica também começa a mudar, interferindo diretamente em questões metodológicas que envolvem

as pesquisas do campo. A geolinguística, que até então era definida e utilizada apenas como uma metodologia do fazer dialetológico para documentar os achados dialetais em mapas linguísticos, passa a ocupar um espaço de maior destaque nos estudos da diversidade linguística.

Romano (2014) defende que a geolinguística não se trata apenas de um método dos estudos dialetológicos, mas de uma área de interesse da Dialetologia. Segundo o autor, “o fazer geolinguístico ultrapassa a representação dos dados em mapas especiais, embora se valha do método cartográfico para documentar formas e expressões linguísticas” (Romano, 2014, p. 137).

Dentre as diferentes formas do fazer dialetológico e geolinguístico, a mais conhecida é a elaboração de atlas linguístico, que consiste em um conjunto de mapas especiais, chamados de cartas linguísticas, que documentam as formas linguísticas usadas em diferentes localidades representadas cartograficamente. Um atlas linguístico pode abranger diferentes extensões territoriais, e pode englobar um país inteiro, como é o caso do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (Cardoso *et. al.*, 2014), um estado, como o Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM (Cruz, 2004), ou ainda regiões menores, como microrregiões, municípios e pequenas comunidades, revelando especificidades linguísticas que os atlas de maior abrangência territorial não conseguem revelar.

No contexto amazonense, desde a elaboração do ALAM em 2004, o primeiro atlas linguístico do estado, surgiram muitos outros estudos de cunho dialetal que registram e evidenciam a rica diversidade linguística amazonense. No entanto, por conta da vasta extensão territorial, ainda existem muitas áreas carentes de investigações dialetais. Atualmente, essa empreitada de documentar a diversidade linguística por meio da elaboração de atlas linguísticos de pequeno domínio vem crescendo com o trabalho de novos dialetólogos nativos da região empenhados em desbravar os rios em busca de registrar o português amazônico e suas singularidades nas microrregiões do Amazonas³.

Assim, este artigo tem como objetivo trazer reflexões sobre a elaboração de atlas linguístico no cenário amazônico, especificamente no contexto amazonense, com ênfase nos desafios metodológicos da pesquisa de campo realizada durante a elaboração do Atlas Linguístico da Microrregião de Coari e do Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de

³ Segundo dados do IBGE, o Estado do Amazonas está dividido em quatro mesorregiões e treze microrregiões. A mesorregião do Norte-Amazonense contempla as microrregiões do Rio Negro e do Japurá. A mesorregião do Sudeste-Amazonense contempla as microrregiões do Alto Solimões e do Juruá. A do Centro-Amazonense, por sua vez, engloba as microrregiões de Tefé, Coari, Manaus, Rio Preto da Eva, Itacoatiara, Parintins e Boca do Acre. E por fim, a Sul-Amazonense abrange as microrregiões do Purus e do Madeira. Cada microrregião é formada por um número de municípios, totalizando os 62 municípios que formam o Estado do Amazonas. (Migueis, 2019).

Parintins, no Amazonas, com base nos pressupostos teórico-metodológicos Dialetologia Pluridimensional (Thun, 1998) e da Geolinguística (Cardoso, 2010). Ressaltamos que o foco deste trabalho não é trazer os resultados das duas pesquisas, mas relatar os obstáculos e desafios metodológicos enfrentados para a realização de um trabalho de campo voltado para a investigação e documentação dialetal em regiões de grande extensão territorial e de dificuldades de deslocamento, como o ambiente amazônico, por meio das experiências vividas durante a realização dos dois projetos desenvolvidos pelas autoras como tese de Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Os estudos dialetais no Brasil: algumas considerações históricas

A sistematização dos estudos dialetais no Brasil vem passando por diversas divisões ao longo dos anos. A primeira organização histórica dos estudos dialetais no Brasil foi realizada por Antenor Nascentes nos anos de 1950 e compreende estudos realizados em duas grandes épocas: de 1826 a 1920, com trabalhos quase exclusivamente de caráter lexicais; e de 1920 a 1951, com trabalhos voltados para a descrição da realidade linguística em seus diferentes níveis gramaticais e em regiões geográficas específicas, iniciando com a publicação de *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral em 1920, incluindo trabalhos como *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes, em 1922, e encerrando com *A linguagem popular da Bahia*, em 1951, de Edison Carneiro. (Porto, 2015).

Desde então, outras sistematizações dos estudos dialetais no Brasil foram feitas. Ferreira e Cardoso (1984) acrescentam que os estudos correspondentes a segunda fase proposta por Nascentes já apresentaram os primeiros passos para aquilo que além de um método, corresponderia futuramente a um campo dos estudos dialetológicos: a Geolinguística. Segundo as autoras, essa fase é marcada pela produção de trabalhos com temáticas direcionadas para a observação de uma área específica, visando descrever os fenômenos que a caracterizam não somente do ponto de vista semântico-lexical e fonético-fonológico, mas também morfossintático. A terceira fase, de acordo com Ferreira e Cardoso (1984), tem início em 1952 com a publicação do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que decreta a criação de uma comissão para promover pesquisas com a finalidade de elaborar o Atlas Linguístico do Brasil, e com o desenvolvimento dos primeiros estudos geolinguísticos nos anos seguintes.

De acordo com Romano (2013), a terceira fase dos estudos dialetais no Brasil foi marcada pela produção de trabalhos de cunho geolinguísticos voltados para elaboração de atlas linguísticos estaduais. O autor propõe ainda uma quarta fase dos estudos dialetais no Brasil com

trabalhos desenvolvidos a partir do início das atividades do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB.

Há autores, como Teles (2018), que defendem que atualmente estamos na quinta fase dos estudos dialetais no Brasil, que se iniciou com a publicação dos dois primeiros volumes do ALiB em 2014, com a utilização de uma cartografia linguística atual e inovadora e além de proporcionar o desenvolvimento de diversos trabalhos a partir de seus dados.

Os estudos dialetais já progrediram bastante no Brasil desde a elaboração dos primeiros estudos de cunho dialetais até a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil e muito já tem sido feito desde a publicação do ALiB, alcançando gradativamente novas áreas dialetais. Vale destacar também que os primeiros estudos dialetais voltavam-se quase exclusivamente para a distribuição das formas variantes em espaços geográficos, apresentando apenas a dimensão diatópica da variação linguística como ponto de interesse. Atualmente, além disso, as pesquisas dialetais procuram registrar diferentes dimensões da variação. Surge, nesse contexto, a Dialectologia pluridimensional, relacional e contatual, proposta por Thun (1998), que amplia a dialectologia tradicional, que contemplava apenas a dimensão espacial, inserindo outras dimensões da variação costumeiramente controladas nos estudos sociolinguísticos.

Assim, a Dialectologia Pluridimensional torna-se fundamental para a criação de um atlas linguístico, seja ele um atlas de grande ou de pequeno domínio, uma vez que transcende o simples estudo da variação espacial, envolvendo outras dimensões da diversidade linguística.

Breve panorama dos estudos dialetais no Amazonas

No âmbito regional, muitos estudos sobre a diversidade linguística amazonense já foram realizados sob diferentes enfoques e metodologias.

Destacamos, no Quadro 1, alguns trabalhos que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da Dialectologia no Amazonas com ênfase em estudos dialetológicos que resultaram na elaboração de atlas linguísticos regionais.

Quadro 1 – Alguns estudos dialetais realizados no Amazonas

Título	Pesquisador (a)	Ano	Natureza da pesquisa
O falar do ‘caboco’ amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves	Hydelvídia Corrêa	1980	Dissertação

Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM	Maria Luiza de Carvalho Cruz	2004	Tese
Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM	Roseanny Melo de Brito	2011	Dissertação
Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN	Jeiviane dos Santos Justiniano	2012	Dissertação
Atlas morfossintático da microrregião do Madeira – AMSIMA	Liliane Sampaio Tavares	2017	Dissertação
Atlas linguístico do sul amazonense – ALSAM	Edson Galvão Maia	2018	Tese
Atlas Linguístico dos Falares de Manaus – ALFAMA	Letícia Pinto Cardoso	2018	Dissertação
Atlas Morfossintático de parte da microrregião do Rio Negro - Solimões – AMPRINES	Josué Cordovil Medeiros	2018	Dissertação
Atlas Linguístico da Microrregião de Coari – ALiMCO	Ana Miles de Souza Belém	2025	Tese
Atlas Linguístico da Microrregião do Alto Solimões – ALiMAS	João Bosco Martins D’Ávila	2025	Tese

Fonte: Elaborado pelas autoras⁴

Dentre os trabalhos listados, daremos atenção especificamente ao de Corrêa (1980) e ao de Cruz (2004) pela referência, pioneirismo e abertura de novos olhares para os estudos dialetais no Amazonas.

O primeiro trabalho sob a perspectiva da Dialectologia no Amazonas foi realizado em 1980 com a pesquisa intitulada *O falar do ‘caboco’ amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves*, realizada por Hydelvídia Corrêa, resultado de sua pesquisa de mestrado. O trabalho teve como objetivo conhecer os aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos que caracterizam o falar amazonense considerando as cidades de Itacoatiara e de Silves como pontos de inquérito, localizados na região do Médio-Amazonas, sob a perspectiva da Dialectologia Monodimensional, ou seja, considerando apenas a dimensão geográfica da variação linguística. Neste trabalho, a pesquisadora entrevistou 42 pessoas, sendo 28 homens e 14 mulheres, todos acima de 30 anos e com diferentes ocupações, principalmente aquelas voltadas para atividades do campo. A autora destaca que há uma forte influência

⁴ Quadro elaborado a partir do levantamento de dados nos repositórios das universidades locais e consulta ao site <https://gelam.ufam.edu.br/>, do Grupo de Estudos Linguísticos do Amazonas.

indígena no léxico usado pelo caboclo amazonense, sobretudo nos campos semânticos de moradia, pesca, plantas, meios de transportes, rios e lugares.

A pesquisa de Corrêa (1980) é considerada precursora para os estudos dialetológicos no Amazonas e foi referência para estudos de cunho dialetais posteriores, sendo também, 20 anos mais tarde, base para a elaboração do Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM, o primeiro da região, já com refinamento metodológico nos moldes da geolinguística moderna.

Cruz (2004), em sua tese intitulada *Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM*, já sob a perspectiva da Dialetologia Pluridimensional, apresenta o primeiro atlas linguístico do estado com o objetivo conhecer o falar amazonense abarcando um espaço geográfico mais amplo que considerasse as diversas microrregiões do estado. A pesquisa teve como pontos de inquérito nove municípios do Amazonas, cada um representando uma microrregião, conforme a divisão territorial utilizada na época, sendo eles: Barcelos, pertencente à Microrregião do Alto Rio Negro; Tefé, pertencente a Microrregião Jutai-Solimões-Juruá; Benjamin Constant, pertencente ao Alto Solimões; Eirunepé, pertencente à Microrregião de Juruá; Lábrea, pertencente ao Purus; Humaitá, pertencente à Microrregião do Madeira; Manacapuru, pertencente ao Rio Negro-Solimões; Itacoatiara, pertencente ao Médio Amazonas; e, Parintins, pertencente à Microrregião do Baixo Amazonas. A autora entrevistou 54 informantes, sendo seis em cada localidade, divididos por sexo (homem e mulher) e faixa etária (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante), todos com no máximo até a 4ª série do fundamental I ou antigo primeiro grau. Para as entrevistas, a autora trabalhou com um questionário contendo 483 questões, divididas entre questionário fonético-fonológico, com 156 questões, e questionário semântico-lexical, com 327 questões, além do registro de elocuições livres por meio de questões semidirigidas. Os resultados de sua pesquisa resultaram na elaboração de 257 cartas linguísticas, sendo 107 cartas fonéticas e 150 cartas semântico-lexicais. Sua tese é referência para estudos dialetológicos e geolinguísticos posteriores no Amazonas e seus achados são analisados e servem de comparação com os resultados de estudos mais recentes sobre a diversidade linguística amazonense, tanto de cunho dialetal quanto sociolinguístico.

Como podemos observar no Quadro 1, diversos outros estudos dialetais foram realizados após os trabalhos pioneiros de Corrêa (1980) e de Cruz (2004), sendo, em sua maioria, atlas de pequeno domínio que revelam especificidades dialetais de áreas específicas do Amazonas, tendo como referência os pressupostos metodológicos do Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM.

Mais recentemente, podemos citar um conjunto de pesquisas voltadas para a elaboração de atlas linguísticos no Amazonas, na perspectiva da Dialetologia Pluridimensional (Thun,

1998) e da Geolinguística (Cardoso, 2010), seguindo os pressupostos metodológicos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, com adaptações ao contexto amazônico, e desenvolvidas por pesquisadores amazonenses, naturais de cada microrregião investigada, como tese de doutorado no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina – PPGLin/UFSC. São elas: Atlas Linguístico da Microrregião do Alto Solimões (D’Ávila, 2025), Atlas Linguístico da Microrregião de Coari (Belém, 2025) e Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins (Oliveira, em fase de elaboração), pesquisa em desenvolvimento, com previsão de conclusão em 2027. Estes dois últimos trabalhos serão retomados adiante e serviram de base para as reflexões trazidas nas próximas seções.

É importante ressaltar que muitos outros trabalhos de investigação linguística em sua diversidade, como trabalhos de conclusão de curso, monografias, artigos, dissertações e teses, foram realizados no Amazonas, tanto na perspectiva dialetológica quanto sociolinguística. A lista de trabalhos pode ser consultada no site do Grupo de Estudos Linguísticos do Amazonas.

O Amazonas como espaço dialetológico e geolinguístico e os desafios metodológicos para a pesquisa de campo no contexto amazonense

Além dos povos originários que já habitavam a região, como os povos Aruaques, Tucanos e Tupis-guaranis, por exemplo, que deram origem a sociedades indígenas de grande diversidade cultural e linguística, o Amazonas teve seu povoamento iniciado com demandas migratórias, que foram intensificadas no final do século XIX e início do século XX em razão à exploração da borracha, período em que, especialmente, portugueses, espanhóis e nordestinos vieram em massa para o estado (Jobim, 1957).

No que se refere à densidade demográfica, o estado dispõe de uma área territorial de 1.558.706,127 km², é constituído por 62 municípios e tem população estimada em 3.941.613 pessoas, de acordo com o último censo (IBGE, 2023).

Em razão de sua extensão territorial, o deslocamento dentro do estado acontece, geralmente, através do transporte hidroviário, ou seja, pelos rios, principalmente os rios Negro e Solimões/Amazonas, pois a infraestrutura de estradas é limitada. Quanto ao modal rodoviário, este é utilizado em rotas pertencentes apenas à área metropolitana da capital Manaus. O transporte aéreo também é uma opção, contudo, é o meio mais caro entre os modos de acesso e está disponível para um número muito reduzido de municípios. A sazonalidade dos rios, com períodos de cheia e seca, impacta a navegabilidade e exige planejamento estratégico para garantir o abastecimento e a logística na região.

É este universo que o pesquisador enfrenta quando realiza pesquisas fora da capital e proximidades. Neste cenário, pode-se dizer que muitos são os desafios enfrentados para a elaboração de um atlas linguístico na região amazônica, e, por conseguinte, quem se arrisca tem que lidar com todas as nuances intrínsecas do dia a dia da região.

Ainda concernente à elaboração de um atlas, alguns desafios relativos à metodologia de pesquisa são observados na região, um deles é a etapa de coleta de dados, fase que exige tempo, conhecimento das características das localidades, e, a depender do período, o pesquisador precisará lidar com muito sol, muita chuva, muita água ou muito barranco⁵, assim, o processo de coleta demanda tempo e coragem, visto que organizar os dados coletados são atividades complexas e carecem de muitas etapas. Nesse sentido, conforme pontua Carlos (2022, p. 49) *apud* Silva, Martins e Sanches (2024), a pesquisa dialetológica “exige coragem, tempo, disponibilidade, recursos financeiros para viagens, transcrições e elaboração de mapas linguísticos”.

A coleta de dados, torna-se, por vezes, mais difícil em razão da dificuldade de acesso às localidades estudadas que não pertençam à área urbana e/ou metropolitana de Manaus. Essa dificuldade se dá devido ao fato de que para chegar a um município mais distante, faz-se necessário navegar horas ou dias, pois o meio mais usado na região para locomoção de uma cidade para outra são embarcações de grande, médio ou pequeno porte, o que também encarece a pesquisa.

Outro fator que deve ser pontuado é o processo de seleção dos informantes nas localidades fora da região do pesquisador. Às vezes esse fator se torna difícil devido à falta de confiabilidade do informante em relação ao objeto de pesquisa ou mesmo na desconfiança dispensada ao inquiridor, visto que este é um completo desconhecido e ainda, a depender da localidade e dos critérios eleitos na pesquisa podem surgir dificuldades em quesitos como idade, escolaridade e mobilidade do informante, por exemplo. Tal dificuldade pode surgir em razão à falta de educação no campo da educação básica ou, principalmente, com a falta de ensino superior entre os informantes de algumas localidades.

A esse contexto, em alguns casos, pode-se acrescentar, o desafio de que alguns pesquisadores têm: o de superar o analfabetismo no campo da informatização, como, por exemplo, o processo de geração das cartas linguísticas, bem como a inteirar-se de outras tecnologias digitais no tange à produção de um atlas, pois há de se considerar, aqui, que quanto

⁵ Também conhecido na região como ribanceira, refere-se a uma área de terra com grande declive que se forma quando os rios secam.

maior é o isolamento de alguns municípios, maior pode ser a falta de conhecimento nessa área específica.

Embora tenha-se pontuado algumas dificuldades que podem surgir no processo de coleta de dados, por exemplo, Romano (2020) declara que concernente ao campo dos problemas metodológicos, os desafios são comuns em pesquisas de cunho geolinguísticos, pois considera que o material coletado para a produção dos atlas apresenta grande volume que carece ser organizado e, posteriormente, cartografado.

No contexto do fazer geolinguístico, a diversidade linguística da região, especialmente no Amazonas, é vasta, visto que os falares amazonenses recebem influências de outras línguas como herança, além de abrigar muitas línguas indígenas que representam um patrimônio cultural e linguístico inestimável.

Isso posto, para além dos desafios inerentes ao estado, estudos de cunho dialetais proporcionam a possibilidade de registrar variações linguísticas inéditas do português, além de contribuir com as políticas linguísticas voltadas para currículo escolar do estado, pois, por intermédio dos registros da diversidade na área é possível que haja proteção de línguas minoritárias, que haja combate ao preconceito linguístico e fortalecimento da identidade cultural desse povo.

Em suma, o fazer geolinguístico/dialetológico por meio de produções de atlas linguístico, sejam eles de grande ou pequeno domínio, são essenciais uma vez que visam documentar a realidade linguística do país, da região, dos estados e das microrregiões de forma mais completa, de forma que a cultura e o modo de falar de um povo sejam registrados e respeitados como fator identitário.

Reflexões sobre a elaboração de atlas linguísticos no contexto amazonense

Como citado na seção anterior, um dos desafios para a produção e elaboração de atlas linguístico no contexto amazonense diz respeito a extensão territorial da área que será submetida à investigação dialetal.

Para fins de ilustração, faremos uma breve caracterização do Atlas Linguístico da Microrregião de Coari e do Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins, para em seguida trazermos algumas reflexões sobre o trabalho de campo realizado durante o desenvolvimento destes projetos.

A tese intitulada *Atlas Linguístico da Microrregião de Coari (ALiMCO)*⁶ tem como objetivo central documentar e descrever parte da realidade linguística da Microrregião de Coari no que diz respeito à língua portuguesa falada, em seus aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais, sob a perspectiva metodológica da Dialetologia Pluridimensional proposta por Thun (1998) e da Geolinguística proposta por Cardoso (2010).

A pesquisa teve início em 2022 e está na etapa final, na fase de defesa. Para os registros nas localidades investigadas utilizou-se 242 questões divididas em: questionário fonético-fonológico (QFF) com 71 questões, questionário semântico-lexical (QSL) com 171 questões, além de três perguntas de discurso semidirigido. As questões seguem os pressupostos metodológicos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (Comitê, 2001), questões do Atlas Linguístico do Amazonas (Cruz, 2004), do Atlas Linguístico do Sul-Amazonense (Maia, 2018) e questões caracterizadas como inéditas.

Para o estudo, foram selecionados todos os seis municípios que compõem a Microrregião: Coari (ponto 1), Codajás (ponto 2), Anori (ponto 3), Anamá (ponto 4), Beruri (ponto 5) e Caapiranga (ponto 6). Participaram da pesquisa 24 informantes, quatro em cada município, sendo um homem e uma mulher para cada faixa etária, de 18 a 35 anos e de 50 a 65 anos, todos com o mesmo nível de escolaridade, de 8 a 13 anos. Além desses critérios sociais para a sistematização dos resultados de acordo com as dimensões diatópica, diassexual e diageracional, foram eleitos os seguintes critérios: ser nativo da localidade investigada, como pais (ou que pelo menos tenham chegado durante a infância), residir na localidade e não ter se afastado de seu local de nascimento por um longo período de sua vida.

A pesquisa de campo teve início na cidade da pesquisadora, Coari, e seguiu o fluxo do declive do rio Solimões, tendo sua ordem de coleta situada de acordo com a sequência numerada por ponto. Utilizou-se como meio de transportes embarcações denominadas como lancha e barco de pequeno porte. Não há transporte por via terrestre na microrregião investigada. Nesse contexto, pode-se dizer que o deslocamento de um ponto para o outro figurou-se entre um dos mais desafiadores para a elaboração do ALiMCO, visto que demandou mais tempo para a locomoção, o que por vezes encareceu ainda mais o processo. Dentre os muitos aspectos que caracterizam os municípios, a área urbana de tais, assim como o número populacional, são características consideradas pequenas em relação a outros centros.

⁶ O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC) sob CAAE nº 75485323.0.0000.0121 e foi aprovado por cumprir as determinações das resoluções vigentes, de acordo com o Parecer Consubstanciado nº 6.595.035.

Em suma, a tese atingiu seus objetivos, visto que apresenta importante contribuição para os registros histórico, cultural e linguístico, além de caracteriza-se como inédita na região.

O projeto de tese *Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins*⁷, em desenvolvimento, tem como objetivo documentar a diversidade linguística nos municípios de Parintins, Maués, Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Nhamundá, Urucará e São Sebastião do Uatumã, localizados na Microrregião de Parintins, na Mesorregião do Centro-Amazonense, na Região do Baixo Amazonas, por meio da análise de fenômenos linguísticos variáveis fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos sob a perspectiva da Dialetoлогия Pluridimensional (Thun, 1998) e da Geolinguística (Cardoso, 2010).

O projeto teve início em 2024 e atualmente está na fase de coleta e transcrição de dados. Para registrar o falar regional nas localidades investigadas foram utilizadas 266 questões divididas em: questionário fonético-fonológico (QFF) com 80 questões, questionário semântico-lexical (QSL) com 160 questões e questionário morfossintático (QMS) com 22 questões, além de 4 perguntas para elocução livre por meio de discurso semidirigido. As questões seguiram os pressupostos metodológicos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (Comitê, 2001), com adaptações para questões que documentassem a realidade linguística regional, e a inclusão de questões inéditas. Ademais, foram utilizadas questões do Atlas Linguístico do Amazonas (Cruz, 2004) e do Atlas Linguístico do Sul-Amazonense (Maia, 2018) para futuras comparações.

Em cada ponto de inquérito foram selecionados quatro informantes, sendo um homem e uma mulher para cada faixa etária estipulada, de 18 a 35 anos e de 50 a 65 anos, todos com o mesmo nível de escolaridade, de 8 a 13 anos. Além desses critérios sociais para a sistematização dos resultados de acordo com a dimensão diatópica, diasssexual e diageracional, foram utilizados critérios de inclusão com o intuito de representar cada localidade, como ser nativo da localidade investigada, assim como seus pais (ou que pelo menos tenham chegado durante a infância), residir na localidade e não ter se afastado de seu local de nascimento por um longo período de sua vida.

A pesquisa de campo para o Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins teve como ponto de partida a capital Manaus. Para chegar ao município de Parintins, distante 325 km em linha reta de Manaus e 420 km por via fluvial, cidade natal da pesquisadora e maior município da microrregião que recebe seu nome, há três meios de transporte disponíveis, sendo

⁷ O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC) sob CAAE nº 83345424.1.0000.0121 e foi aprovado por cumprir as determinações das resoluções vigentes, de acordo com o Parecer Consubstanciado nº 7.203.878.

um aéreo, com voos regulares e custo elevado, e dois fluviais, sendo um mais rápido, feito por meio de lanchas chamadas de expresso ou ajato, que dura aproximadamente 8 horas de viagem, e outro mais lento, porém o mais comum e mais acessível da região, feito por meio de barcos regionais chamados de recreios, que dura aproximadamente de 18 a 24 horas de viagem. Este foi o transporte utilizado. Para cada um dos demais municípios investigados, é necessário pegar um outro transporte fluvial de Parintins, podendo também ser de barco ou de lanchas menores e as viagens podem variar de 4h a 24h de duração, a depender da distância, e principalmente do nível dos rios, o que impacta diretamente na navegação e no transporte de passageiros no Amazonas. Em tempos de cheia, a navegação pelos rios ocorre de forma mais rápida, pois é possível pegar alguns atalhos pelos “furos”, pequenos canais naturais que ligam rios e lagos encurtando a distância fluvial entre os municípios. No entanto, durante a estiagem, a navegação ocorre de forma mais lenta, tanto por conta do nível de água dos rios que baixa consideravelmente, o que impossibilita o acesso pelos furos, que desaparecem, obrigando os barcos a seguirem o fluxo natural e as curvas dos rios, quanto pelos perigos causados pela vazante dos rios, como a formação de bancos de areias no meio curso d’água. Não há transporte rodoviário intermunicipal na microrregião investigada, assim como na maioria dos municípios do Amazonas.

O deslocamento intermunicipal no Amazonas é talvez o maior desafio metodológico da pesquisa de campo voltada para elaboração de atlas linguístico, pois demanda muito tempo em decorrência da distância e do tipo de transporte utilizado na região amazônica. Outro ponto a se levar em consideração é o alto custo das passagens fluviais, o que acaba se tornando mais elevado em virtude de nem sempre haver transporte regular de um município para outro, sendo necessário retornar para o município sede da microrregião para então seguir para outro ponto inquirido, além da falta de transporte hidroviário diário em algumas localidades, elevando também os custos com hospedagem.

Apesar dos inúmeros desafios metodológicos que envolvem elaborar um atlas linguístico no contexto amazonense, os resultados encontrados transformam-se em potencialidades que demonstram a importância de se realizar pesquisas dialetais em áreas de grande extensão territorial e de dificuldades de deslocamento.

A primeira e mais importante é a possibilidade de registrar a rica diversidade linguística amazonense em suas diferentes realizações de acordo com cada microrregião investigada e até mesmo documentar formas linguísticas que só ocorrem no português falado em determinada microrregião ou município. Isso só é possível, pois ao elaborar um atlas linguístico de pequeno

domínio, pode-se registrar aspectos dialetais específicos de cada localidade, algo que um atlas estadual ou nacional não é capaz de fazer por questões de ordem metodológica.

Ao documentar os falares regionais por meio da elaboração de um atlas linguístico de pequeno domínio, como é o caso dos atlas que utilizamos como base para nossas reflexões, é possível também contribuir para a valorização das variedades regionais, para a preservação da identidade linguística dos povos da região amazônica e principalmente para combater o preconceito linguístico nos diferentes contextos sociais, principalmente no ambiente escolar. Ao ver a sua forma de falar registrada e cartografada em um atlas linguístico, sem juízos de valor por parte do cientista, o falante da região estará diante da legitimação de seu falar. Assim, o mapeamento dos falares regionais contribui significativamente para a valorização da diversidade linguística amazonense.

Além disso, elaborar um atlas linguístico em regiões de grande extensão territorial e ampla diversidade cultural como o Amazonas possibilita a sistematização das singularidades fonético-fonológicas, semântico-lexicais e morfossintáticas do português amazonense, refletindo não só questões de ordem geolinguística, mas também de ordem social de um estado marcado pela heterogeneidade linguística e cultural, o que pode contribuir para a adaptações de práticas pedagógicas na educação básica de acordo com a realidade linguística amazonense.

Considerações finais

Observando o aumento de pesquisas geolinguísticas realizadas na região Norte, especificamente no estado do Amazonas, este texto foca em relatos e reflexões feitas a partir de duas produções que, separadamente, registram dados para confecção de dois atlas linguísticos, sendo um na Microrregião de Coari e outro na Microrregião de Parintins, no Amazonas.

Assim, registraram-se, nesse estudo, que o fazer dialetológico nas regiões apresenta dificuldades inerentes à realidade geográfica, tais como: as distâncias de uma localidade para a outra, tendo em vista que o acesso para as localidades de ambas as pesquisas ocorre majoritariamente por via fluvial, elevando os custos financeiros para a realização da pesquisa de campo; e o processo de seleção dos informantes de acordo com os critérios da pesquisa dialetal, pois esse processo demanda tempo, uma vez que muitos moradores saem de seus municípios no interior do Amazonas em busca de melhores oportunidades de vida na capital.

Sobre os benefícios das produções de atlas para as regiões, até o momento, estes dão conta de que há possibilidades de registrar variações únicas do português falado na região, contribuir para a criação de políticas linguísticas e educacionais que levem em consideração a

realidade linguística documentada nos atlas, preservar e a valorizar o falar regional, bem como viabilizar a integração dos falares amazonenses em bancos de dados linguísticos, quer sejam no âmbito regional ou estadual, quer sejam no âmbito nacional, possibilitando o desenvolvimento de trabalhos a partir dos dados documentados.

Declarações

Conflito de Interesses: As autoras não têm conflitos de interesse a declarar.

Declaração de Disponibilidade de Dados: O compartilhamento de dados não é aplicável a este artigo, pois nenhum dado de pesquisa foi analisado neste estudo, que tem como foco relatar os desafios metodológicos enfrentados durante o trabalho de campo de pesquisas dialetais no cenário amazônico. No entanto, por conta do uso de IA, segue link com o prompt da IA usado neste trabalho: <https://chatgpt.com/share/68e420b7-b208-8004-9b94-386560959b6e>.

Declaração de Uso de IA: Durante a preparação deste trabalho, as autoras utilizaram o ChatGPT da OpenAI para obter sugestões de estruturação do manuscrito, com contribuição mínima, uma vez que a estrutura sugerida não foi seguida à risca. Declaramos que todo o conteúdo foi revisado e editado pelas autoras, que assumem total responsabilidade pelo manuscrito. O link para acesso ao prompt foi disponibilizado acima.

Questões éticas: As duas pesquisas utilizadas para trazer as reflexões metodológicas que permeiam este artigo foram submetidas ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC) tendo parecer APROVADO. Demais informações como o número de referência da aprovação constam no artigo como nota de rodapé.

Contribuição de Autoria: as duas autoras tiveram contribuições semelhantes neste trabalho, acumulando as funções de conceitualização, investigação, escrita – esboço original e escrita – revisão e edição.

Referências

- CARDOSO, S. A. M. da S.; MOTA, J. A.; AGUILERA, V. de A.; ARAGÃO, M. do S. S. de; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F. W.; ALTENHOFEN, C. V. **Atlas Linguístico do Brasil**, Volumes 1 e 2. Londrina: EDUEL, 2014.
- CARDOSO, S. A. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Lingüístico do Brasil: questionários 2001**. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- CORRÊA, H. **O falar do ‘caboco’ amazonense: aspectos fonético fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves**. 1980. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1980.
- CRUZ, M. L. de C. **Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)**. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1984.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Rio de Janeiro: IBGE, c2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/panorama>. Acesso em: 05 out. 2025.
- JOBIM, A. **O Amazonas: sua história (ensaio antropogeográfico e político)**. Universidade do Brasil. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1957.
- MAIA, E. G. **Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM**. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) Universidade Estadual de Londrina, UEL, 2018.
- MIGUEIS, R. **Geografia do Amazonas**. 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2019.
- PORTO, S. M. **Dialetologia da Língua Portuguesa falada no Brasil**. São Paulo: Scortecci, 2015.
- ROMANO, V. P. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 203–242, 2013. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/16388>. Acesso em: 20 set. 2025.
- ROMANO, V. P. Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística. **Papéis**, Campo Grande, UFMS, v. 18, n. 35, 2014, p. 135-153. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/view/3017/2445>. Acesso em: 26 set. 2025.
- ROMANO, V. P. Desdobramentos, desafios e perspectivas da Geolinguística Pluridimensional no Brasil. In: MOTA, J. A.; OLIVEIRA, J. M. de; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C. (orgs) **Contribuições de Estudos Geolinguísticos para o Português brasileiro: uma homenagem a Suzana Cardoso**. Salvador, EDUFBA, 2020, p. 11-39.

SILVA, G. A. da; MARTINS, L. R.; SANCHES, R. D. Estudos geolinguísticos na Amazônia Legal: desafios e contribuições. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 18, p. e1830, 2024. DOI:10.14393/DLv18a2024-30. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/72866>. Acesso em: 5 out. 2025.

TELES, A. R. T. F. **Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes**. 2018. 483f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2018.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: RAENDONCK, D. V. et al. (orgs.). **Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes**. Bruxelles, 1998, p. 367 - 409.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.